

# Artigos

Hilton Luiz Araldi

Coleção de textos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados em redes sociais, jornais, revistas e livros diversos, disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 14/09/2010

Título : 14 DE SETEMBRO - DIA DO CAVALO

Categoria: Artigos

Descrição: A Lei, de número 11.973, sancionada pelo governador do Estado Germano Rigotto, em 23 de setembro de 2003, institui o Dia do Cavalo no Estado do Rio Grande do Sul.

## DIA DO CAVALO - 14 DE SETEMBRO

"Neste 14 de setembro comemora-se o Dia do Cavalo. A Lei, de número 11.973, sancionada pelo governador do Estado Germano Rigotto, em 23 de setembro de 2003, institui o "Dia do Cavalo" no Estado do Rio Grande do Sul.

A data deve ser comemorada anualmente junto com a Semana Farroupilha, passando a fazer parte do calendário de eventos culturais do Estado, sobre responsabilidade do Poder Executivo e órgãos voltados à promoção da cultura Riograndense.

Esse magnífico animal, o qual não se sabe precisamente quando chegou ao Rio Grande, é parte do espírito do povo rio-grandense, sem ele o gaúcho por certo nem existiria. O cavalo acompanha o gaúcho na construção do Estado.

O cavalo foi em muitas batalhas o tanque de guerra, e em todas elas foi peça fundamental para conquistas de novos territórios. Para o autor da proposta de lei, dep. Osmar Severo "esta iniciativa valorizará as tradições e os costumes do povo rio-grandense, buscando homenagear e reconhecer o trabalho do animal que acompanhou o gaúcho na construção deste Estado".

O cavalo é fiel amigo do homem campeiro, ajudando-lhe na lida com o gado, no transporte além de ser o "animal do rodeio", participando de diversas provas. E nessa área dos esportes o cavalo tem muita importância também fora dos nossos pagos. É utilizado nas caçadas, no pólo, nas corridas de cavalo e concursos de salto.

É o único animal que participa junto com o cavaleiro de uma prova nas olimpíadas, onde a égua Baloubet du Rouet trouxe de Atenas, junto com o cavaleiro Rodrigo Pessoa, uma medalha de prata, além do Enduro Eqüestre, esporte familiar muito difundido no Rio Grande do Sul.

Em Passo Fundo existe um pelotão hipo que além de ser uma forma prática de deslocamento em determinadas circunstâncias, impõe o devido respeito quando necessário.

Os cavalos auxiliam-nos no policiamento, e também na equoterapia, onde os animais auxiliam na recuperação de pessoas traumatizadas e no trabalho com Portadores de Necessidades Especiais. Uma boa quantia desses animais atua junto aos papeleiros como puxadores de carroças, ajudando-os a limpar a cidade que sujamos."

Foi de cima de um cavalo que D. Pedro I proclamou nossa independência.

Data : 16/02/2009

Título : A LENDA DO CHIMARRÃO

Categoria: Artigos

### A Lenda do Chimarrão

Uma tribo de índios guaranis vivia do seu trabalho na lavoura: derrubava um pedaço de mata, plantava mandioca e milho, mas depois de quatro ou cinco anos a terra se cansava, parava de produzir e a tribo precisava emigrar para outras paragens.

Cansado de tais andanças um velho índio um dia recusou-se a seguir adiante e preferiu ficar sozinho na tapera. A mais jovem de suas filhas, a bela Jary, ficou numa situação difícil: ou seguia adiante com os jovens da tribo, ou ficava na solidão, prestando arrimo ao ancião até que a morte o levasse para a paz do Yvi-Marai. Apesar dos pedidos dos moços ela permaneceu junto ao velho pai.

Essa atitude de amor mereceu uma recompensa. Um dia chegou um pajé desconhecido e perguntou a Jary o que ela queria para se sentir feliz. A moça nada pediu, mas o velho pai sim: “- Dai-me renovadas forças para poder seguir adiante e levar Jary ao encontro da tribo que lá se foi”. Entregou-lhe o pajé uma planta muito verde, perfumada de bondade, e ensinou

que a plantasse, colhesse as folhas, secasse-as ao fogo, triturasse, colocasse os pedacinhos num porongo (fruto também conhecido como cabaça e com o qual, depois de seco, se faz a cuia), acrescentasse água quente ou fria e bebesse essa infusão: “-Terás nessa nova bebida uma nova companhia saudável mesmo nas horas tristonhas da mais cruel solidão”. Deu a receita e partiu.

Foi assim que nasceu e cresceu uma planta chamada caá-mini. Dela resultou a bebida caá-y, que os brancos mais tarde chamaram de chimarrão.

Sorvendo aquela verde seiva o ancião recuperou-se, ganhou força e pode empreender a longa viagem até o reencontro com os seus. Ao chegarem, foram recebidos com a maior alegria e a tribo toda adotou o costume de beber a infusão da erva verde, amarguinha e gostosa, que dava força, coragem e confortava mesmo nas horas tristonhas ou da mais total solidão.

### Evolução Histórica

O uso desta planta como bebida tônica e estimulante já era conhecido pelos indígenas de toda a América. Em túmulos pré-colombianos de Ancon, perto de Lima, no Peru, foram encontradas folhas de erva mate ao lado de alimentos e objetos, demonstrando o seu uso pelos incas.

Desde os primórdios da ocupação castelhana no Paraguai, indicado por Don Hernando Arios de Saavedra (governante de 1592-1594), observou-se a utilização da erva mate pelos indígenas.

Os primeiros jesuítas estabelecidos no Paraguai, fundaram várias feitorias, nas quais o uso das folhas de erva mate já era difundido entre os índios guaranis, habitantes da região.

Posteriormente observou-se que os indígenas brasileiros, que habitavam as margens do rio Paraná, também se utilizavam dessa planta. Outras tribos localizadas em regiões onde não havia ocorrência natural da essência, possuíam o hábito de consumi-la, obtendo-a através de permuta. Essas tribos localizadas no Peru, Chile e Bolívia, transportavam o produto por milhares de quilômetros.

Orientados pelos jesuítas, instalados num território chamado Companhia de Jesus do Paraguai (denominação dada no século XVII aos territórios das províncias do Paraguai, Buenos Aires e Tucuman), os indígenas iniciaram as plantações de erva mate.

Junto com a implantação dos ervais, os jesuítas aprofundaram-se no estudo do sistema vegetativo da planta, visto que as sementes caídas das erveiras não germinavam naturalmente.

Os jesuítas definiram a melhor época de colheita de sementes e um padrão de preparo e cultivo da erva mate.

Por mais de 1 século e meio (de 1610 a 1768, quando se deu a saída forçada da Companhia de Jesus), os jesuítas exploraram o comércio e a exportação do mate. O Padre Nicolós Durain observou que os índios tomavam o mate em água quente, não podendo passar sem ele no trabalho, pois era, muitas vezes, o único sustento.

As bandeiras paulistas, que de 1628 a 1632 percorreram as regiões de Guairá, regressaram trazendo índios guaranis prisioneiros, e com eles o hábito de beber chimarrão.

Amargo doce que eu sorvo  
Num beijo em lábios de prata  
Tens o perfume da mata  
Molhada pelo sereno,  
E a cuia, seio moreno  
Que passa de mão em mão  
Traduz no meu Chimarrão  
Em sua simplicidade,  
A velha hospitalidade  
Da gente do meu rincão.

Versos de  
Glaucus Saraiva

Data : 23/02/2010

Título : A LENDA DO PRIMEIRO GAÚCHO

Categoria: Artigos

Descrição: Século XVIII. Uma partida de brasileiros atravessa as verdejantes campinas do Rio Grande do Sul.

## A LENDA DO PRIMEIRO GAÚCHO - Lenda coletada por Barbosa Lessa

Século XVIII. Uma partida de brasileiros atravessa as verdejantes campinas do Rio Grande do Sul. Impulsionados pela necessidade de braços para as lavouras, buscam o índio. Hão de avassalar as tribos ocupantes daquela região. Com esta disposição, viajam bem municiados e armados. Os índios Minuano, avisados pelas sentinelas, da aproximação dos brancos, montam em seus fogosos cavalos e, armados de flechas e boleadeiras e lanças, deixam seu acampamento e rumam para as coxilhas. Ao avistar os brasileiros se aproximando, os índios usam de sua tática de ocultar-se ao longo de dorso dos cavalos. Destarte, dificilmente saíram descobertos pelos inimigos. Imóveis, esperam eles o momento azado para atirar-se sobre os viajantes. Os brasileiros não são conhecedores dos hábitos e da tática empregada pelos índios habitantes das campinas do Sul. E avistando à distância o bando de cavalos pastando, tomam essa direção, muito senhores de si. Assim, ao se aproximarem os brasileiros, os índios despencam-se nos seus animais do cimo das coxilhas, em galopada, investindo contra os brancos com furiosas saraivadas de flechas. Respondem estes com tiros de armas de fogo. Nova investida dos índios, agora servindo-se das lanças, obriga os invasores a fugir em desordem. Caído por terra acha-se um moço ferido; a seu lado, uma jovem índia minuana. Fascinara-a a coragem do estrangeiro. O brasileiro sabe da sorte que o espera. E, interrogando a moça quando será sacrificado, responde-lhe esta que nada tema, pois estará a seu lado. Anima-o com palavras confortadoras, cheias de simpatia e compaixão pela sorte do estrangeiro. O prisioneiro é levado para o acampamento dos Minuanos. Enquanto esperam que se cure da ferida para sacrificá-lo, lhe dão toda a liberdade sob a vigilância das sentinelas. O jovem branco resolve fazer uma viola. Uma tarde, à sombra de uma árvore, com a pouca ferramenta de que dispõe, a muito custo vai improvisando um rústico instrumento. Inicialmente aparelha, em forma de espessa tábuca, um pau de corticeira. Cava-o, dando-lhe a forma de viola. Coloca uma tampa com abertura circular para dar vibração ao som das cordas. Para colar a tampa, emprega o grude da parasita sombaré, das árvores da serra. E da própria fibra da parasita ele prepara as cordas para o instrumento. A índia já lhe tem muita amizade e está sempre a seu lado nas horas de folga. Enquanto lhe vê trabalhar, canta-lhe suavemente um canto doce e pitoresco da gente minuana. Ainda não passara um alua e já, na grande ocaria do acampamento, celebra-se o ritual do sacrifício. Amarrado a um tronco está o prisioneiro. Todos os índios da nação, reunidos em volta dele, dançam e cantam sua morte. De quando em vez passam, de mão em mão, cuias contendo delicioso vinho, fabricado com o mel eiratim. Há um silêncio de morte em todo o acampamento. O chefe minuano ordena que soltem o prisioneiro e tragam-no a sua presença. Fitando o moço bem nos olhos, assim fala o cacique: - que aos teus irmãos sirva de lição esta última derrota. Ou não nos tornem vir a nos incomodar. Os que vierem nestes campos buscar escravos, hão de ser esmagados pelas patas de nossos cavalos. E tu pagarás com a morte a tua audácia e a dos teus! Contudo, o chefe Minuano diz ao condenado que faça o seu último pedido. Surpreende-se o branco com tal gesto. E, dotado de uma inteligência não vulgar, num relance percebe como poderá livrar-se da morte. Sabendo da emotividade e a influência que exerce a música sobre aquelas criaturas, pede que lhe tragam o seu instrumento de cordas. Quer tocar pela última vez; cantar uma balada de sua terra. É a jovem índia quem lhe traz a sua viola, debaixo dos olhares curiosos dos índios. Cheio de fé, o moço pega da viola. Depois de alguns sonoros acordes, entoa uma canção. E o rito bárbaro daquelas fisionomias rudes transforma-se como por encanto. Ouvem-se com enlevo, exclamando a todo instante: - Gaú-che! Gau-che! – a significar gente que canta triste.

Sensibilizados pela doce cantiga do condenado á morte, os índios intercedem para que o sacrifício seja revogado. E, assim, o brasileiro fica morando com os Minuanos. Enamorado da jovem índia, casa-se com ela. E dessa bela união, do elemento branco com o indígena, resultou o tipo desse homem extraordinário que se chama gaúcho! (A LENDA DO PRIMEIRO GAÚCHO in LESSA, Barbosa. Estórias e Lendas do Rio Grande do Sul. São Paulo: Livraria Literart Editora, 1960. Lenda coletada de Martha Dutra Tavares, baseada em Cezimbra Jacques e Aurélio Porto, em O Gaúcho, álbum publicado pela Transoceanic Trading Company). Nota de Barbosa Lessa: a versão gaú – cantar triste, e che – gente, é combatida por vários entendidos em questões lingüísticas, que alegam se inexata essa explicação etimológica. Outras autoridades, porém, como Batista Caetano, aceitam essa tradução, e informam que ainda hoje, no Paraguai, há a forma guahú para designar o uivo tristonho do cão e, por analogia, o canto triste que possa assemelhar-se a esse uivo; quanto a Che – expressão gaúcha tão usual na conversação comum, pode significar fulano, pessoa, e aplica-se muitas vezes quando se quer chamar a atenção de um interlocutor, cujo nome próprio se desconhece.

Data : 24/02/2010

Título : ARTIGO SOBRE A PICANHA

Categoria: Artigos

Descrição: Um boi chamado desejo O boi existe há milhões de anos.

## ARTIGO SOBRE A PICANHA

Um boi chamado desejo O boi existe há milhões de anos.

A picanha, só há 40.

Segundo Belarmino Iglesias, da rede Rubayat, foi a família Wessel a primeira a separar o alcatra, cortar e apresentar a picanha naquele formato triangular que tão facilmente reconhecemos nas gôndolas do supermercado. Os Wessel são de origem húngara, radicados em São Paulo na década de 50, mas já trabalhavam com diversos tipos de carne há quase 200 anos.

Hoje, a picanha é a carne mais vendida nas churrascarias do mundo inteiro.

Deve ser difícil para os gaúchos ouvir isso. É quase um ataque direto contra um dos baluartes de defesa do seu tão conhecido orgulho sulista. Imaginem uma das suas principais referências tendo sido criada em outro estado, e por um estrangeiro!

Mas vamos com calma. A picanha só chegou ao seu status atual após ser rotulada com a marca de “churrasco gaúcho”. Ou seja, um bom produto que foi associado a uma MARCA forte. Somente após o empréstimo do conceito de assar a carne em braseiro e em conjunto com a imagem de expertise e qualidade da marca “churrasco gaúcho” o consumidor se permitiu aceitar aquela novidade como um produto a ser testado e desejado.

E, mais do que isso, é importante compreender que isso só poderia vir de alguém que estivesse próximo ao mercado e, no dia-a-dia, estivesse centrado no consumidor e pensando sempre em como criar algo que pudesse lhe trazer algum benefício. E, a partir daí, poder estabelecer uma diferença.

E isso só poderia ter vindo do açougue, e não do campo.

Mas, para novamente recuperar o orgulho do Rio Grande do Sul nessa questão, que é quase de princípios históricos, produtos e marcas não se proliferam sozinhos. É preciso que eles encontrem um canal adequado. E, nesse caso, foi o aparecimento do indefectível rodízio da esmagadora maioria das churrascarias.

Conta a lenda que o rodízio surgiu no interior do Rio Grande em meados dos anos 60, próximo a uma estrada importante nos arredores de Santa Maria. Em um incomum almoço de sábado, o dono de uma churrascaria lotada decidiu colocar no salão todos os espetos que estavam prontos, ao mesmo tempo, para tentar atender a demanda fora da sua escala. Os garçons, tontos com a lotação, passaram a oferecer os espetos indiscriminadamente às mesas, independente do que tinha sido pedido. Ao pagar a conta, a maioria concordava em pagar mais do que o preço de um espeto pela alternativa de poder provar mais de um tipo de carne. Naturalmente, quando surge um serviço que encanta o mercado, nos subsequentes fins de semana, diversos clientes voltavam e perguntavam sobre o serviço de poder escolher o que se quer comer e pagar um preço único. Estava criado o terror dos gastrônomos de carne.

O rodízio foi essencial para popularizar não só a marca (churrasco) como o produto (picanha). Barato no imaginário de quem acha que pode comer tudo, amigável aos mais diversos segmentos e rentável ao negociante, foi efficientíssimo no que se refere à distribuição ao grande público.

Mas vejam bem: novamente a solução do serviço tinha que vir do varejo, não da produção! Só o varejo tem a oportunidade única de ver o consumidor em primeira mão e tentar pesquisar

seus anseios. Só quem permanece focado na necessidade é que pode começar a compreender o desejo.

Na Convenção Anual da National Retail Federation (NRF) de 2010 em Nova York, foram claramente abordados temas que reafirmavam que a fuga do lugar comum rumo à diferenciação passa por migrar de produtos para soluções e, mais ainda, incorporar serviços a elas. Foram apresentadas dezenas de casos em que os pontos de venda (físicos ou digitais) têm papel estratégico na formação da imagem da marca. E nos quais o grande desafio do varejo é entregar com consistência a promessa da marca.

Promessas que uma picanha com sal grosso servida mal passada cumpre de sobra.

Mauro Schaan (mauro.schaan@gsmd.com.br), sócio-diretor da GS&MD

Data : 01/01/2001

Título : Churrasco Patrimônio do Rio Grande

Categoria: Artigos

Descrição: Churrasco foi considerado patrimônio do Rio Grande

Churrasco é patrimônio do Rio Grande do Sul

O RS é o estado mais ao sul do Brasil. Há uma particularidade na decoração das varandas de casas e apartamentos dos gaúchos: em quase todos, há uma churrasqueira.

Mas, como se prepara um bom churrasco? A primeira regra é não congelar a carne. O sangue resseca e a carne perde o gosto. Aí, chega a hora de temperar a carne. O típico churrasco gaúcho leva apenas sal grosso (assim, preserva-se o gosto da carne).

Para espetar a carne, um segredo: comece pelo lado mais fino da picanha.

Tradicionalmente, o churrasco é feito em um fogo de chão. Assim faziam os índios e os gaúchos da região dos pampas. Mas, hoje em dia, usa-se carvão e churrasqueiras feitas de tijolos.

E, qual seria a carne preferida dos gaúchos? A picanha, sem dúvida. É uma carne que contém gordura e, portanto, fica muito macia. Na hora de escolher a carne para o churrasco, deve-se verificar se ela está bem vermelha. Outra dica é checar a quantidade de gordura: quanto mais gordura, mais velho é o boi. E, quanto mais velho, mais dura a carne. O ideal é fazer churrasco com carne nova e resfriada. Mas, como saber quando vamos ao açougue? Fácil: quanto menor a peça, mais novo o boi. Depois de jogar sal grosso por cima da carne, espalhá-lo por todo o pedaço, e de esperar entre uma e oito horas no fogo brando, a carne está pronta.

Não é à toa que o churrasco é patrimônio do Rio Grande do Sul.

Mas há outras formas de preparar a picanha. Vamos a elas !

Data : 01/01/2009

Título : O NEGRINHO DO PASTOREIO

Categoria: Artigos

Descrição: Lendas do Sul de João Simões Lopes Neto

DO LIVRO "CONTOSGAUCHESCOS E LENDAS DO SUL"

DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Editado por Hilton Luiz Araldi

Colhi este Clássico da literatura Riograndense, que nos foi dado pelo magnífico Joao Simões Lopes Neto, para que ajudem a divulgar a Lenda narrada por um Gaúcho que dedicou a vida à poesia. Este e outros trabalhos do Autor, encontram-se publicadas no livro que reeditei, com o intuito de espalhar essa cultura do Sul.

Abraço a cada um dos meus leitores, e faço votos de uma boa leitura. Leiam para seus filhos, eles certamente gostarão do história desse "Negrinho"

Hilton Araldi

## O NEGRINHO DO PASTOREIO

NAQUELE TEMPO os campos ainda eram abertos, não havia entre eles nem divisas nem cercas; somente nas volteadas se apanhava a gadaria xucra e os veados e as avestruzes corriam sem empecilhos...

Era uma vez um estancieiro, que tinha uma ponta de surrões cheios de onças e meias-doblas e mais muita prataria; porém era muito cauíla e muito mau, muito.

Não dava pousada a ninguém, não emprestava um cavalo a um andante; no inverno o fogo da sua casa não fazia brasas; as geadas e o minuano podiam entanguir gente, que a sua porta não se abria; no verão a sombra dos seus umbus só abrigava os cachorros; e ninguém de fora bebia água das suas cacimbas.

Mas também quando tinha serviço na estância, ninguém vinha de vontade dar-lhe um auxílio; e a campeirada folheira não gostava de conchavar-se com ele, porque o homem só dava para comer um churrasco de tourito magro, farinha grossa e erva-caúna e nem um naco de fumo... e tudo, debaixo de tanta somiticaria e choradeira, que parecia que era o seu próprio couro que ele estava lonqueando...

Só para três viventes ele olhava nos olhos: era para o filho, menino cargoso como uma mosca, para um baio cabos-negros, que era o seu parselheiro de confiança, e para um escravo, pequeno ainda, muito bonitinho e preto como carvão e a quem todos chamavam somente o — Negrinho.

A este não deram padrinhos nem nome; por isso o Negrinho se dizia afilhado da Virgem, Senhora Nossa, que é a madrinha de quem não a tem.

Todas as madrugadas o Negrinho galopeava o parselheiro baio; depois conduzia os avios do chimarrão e à tarde sofria os maus tratos do menino, que o judiava e se ria.

\*\*\*

Um dia depois de muitas negaças, o estancieiro atou carreira com um seu vizinho. Este queria que a parada fosse para os pobres; o outro que não, que não! que a parada devia ser do dono do cavalo que ganhasse. E trataram: o tiro era trinta quadras, a parada, mil onças de ouro. No dia aprazado, na cancha da carreira havia gente como em festa de santo grande.

Entre os dois parceiros, a gauchada não sabia se decidir, tão perfeito era e bem lançado cada um dos animais. Do baio era fama que quando corria, corria tanto, que o vento assobiava-lhe nas crinas; tanto, que só se ouvia o barulho, mas não lhe viam as patas baterem no chão... E do mouro era voz que quanto mais cancha, mais agüente e que desde a largada ele ia ser como um laço que se arrebenta...

As parcerias abriram as guaiacas, e aí no mais já se apostavam aperiros contra rebanhos e redomões contra lenços.

—Pelo baio! Luz e doble!...

—Pelo mouro! Doble e luz!...

Os corredores fizeram as suas partidas à vontade e depois as obrigadas; e quando foi na última, fizeram ambos a sua senha e se convidaram. E amagando o corpo, de rebenque no ar, largaram, os parceiros meneando cascos, que parecia uma tormenta...

— Empate! Empate! — gritavam os aficionados ao longo da cancha por onde passava a parilha veloz, compassada como numa colhera.

— Valha-me a Virgem madrinha, Nossa Senhora! — gemia o Negrinho.

— Se o sete-léguas perde, o meu senhor me mata! hip! hip! hip!...

E baixava o rebenque, cobrindo a marca do baio.

— Se o corta-vento ganhar é só para os pobres!... retrucava o outro corredor. Hip! hip!

E cerrava as esporas no mouro.

Mas os fletes corriam, compassados como numa colhera, Quando foi na última quadra, o mouro vinha arrematado e o baio vinha aos tirões... mas sempre juntos, sempre emparelhados.

E a duas braças da raia, quase em cima do laço, o baio assentou de supetão, pôs-se em pé e fez uma caravolta, de modo que deu ao mouro tempo mais que preciso para passar, ganhando de luz aberta! E o Negrinho, de em pêlo, agarrou-se como um ginetaço.

— Foi mau jogo! — gritava o estancieiro.

— Mau jogo! — secundavam os outros da sua parceria.

A gauchada estava dividida no julgamento da carreira; mais de um torena coçou o punho da adaga, mais de um desapresilhou a pistola, mais de um virou as esporas para o peito do pé... Mas o juiz, que era um velho do tempo da guerra de Sepé-Tiaraju, era um juiz macanudo, que já tinha visto muito mundo. Abanando a cabeça branca sentenciou, para todos ouvirem:

— Foi na lei! A carreira é de parada morta; perdeu o cavalo baio, ganhou o cavalo mouro, Quem perdeu, que pague. Eu perdi cem gateadas; quem as ganhou venha buscá-las. Foi na lei!

Não havia o que alegar. Despeitado e furioso, o estancieiro pagou a parada, à vista de todos, atirando as mil onças de ouro sobre o poncho do seu contrário, estendido no chão.

E foi um alegrão por aqueles pagos, porque logo o ganhador mandou distribuir tambeiros e leiteiras, côvados de baeta e baguais e deu o resto, de mota, ao pobrerio. Depois as carreiras seguiram com os changueiritos que havia.

\*\*\*

O estancieiro retirou-se para a sua casa e veio pensando, pensando calado, em todo o caminho. A cara dele vinha lisa, mas o coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda... O trompaço das mil onças tinha-lhe arreventado a alma.

E conforme apeou-se, da mesma vereda mandou amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

Na madrugada saiu com ele e quando chegou no alto da coxilha falou assim:

— Trinta quadras tinha a cancha da carreira que tu perdeste: trinta dias ficarás aqui pastoreando a minha tropilha de trinta tordilhos negros... O baio fica de piquete na soga e tu ficarás de estaca!

O Negrinho começou a chorar, enquanto os cavalos iam pastando.

Veio o sol, veio o vento, veio a chuva, veio a noite. O Negrinho, varado de fome e já sem força nas mãos, enleou a sogá num pulso e deitou-se encostado a um cupim.

Vieram então as corujas e fizeram roda, voando, paradas no ar, e todas olhavam-no com os olhos reluzentes, amarelos na escuridão. E uma piou e todas piaram, como rindo-se dele, paradas no ar, sem barulho nas asas.

O Negrinho tremia, de medo... porém de repente pensou na sua madrinha Nossa Senhora e sossegou e dormiu.

E dormiu. Era já tarde da noite, iam passando as estrelas; o Cruzeiro apareceu, subiu e passou; passaram as Três-Marias: a estrela-dalva subiu...

Então vieram os guaraxains ladrões e farejaram o Negrinho e cortaram a guasca da sogá. O baio sentindo-se solto rufou a galope, e toda a tropilha com ele, escaramuçando no escuro e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho; os guaraxains fugiram, dando berros de escárnio. Os galos estavam cantando, mas nem o céu nem as barras do dia se enxergava: era a cerração que tapava tudo.

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou.

\*\*\*

O menino maleva foi lá e veio dizer ao pai que os cavalos não estavam.

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho.

E quando era já noite fechada ordenou-lhe que fosse campear o perdido.

Rengueando, chorando e gemendo, o Negrinho pensou na sua madrinha Nossa Senhora e foi ao oratório da casa, tomou o coto de vela acesa em frente da imagem e saiu para o campo.

Por coxilhas e canhadas, na beira dos lagoões, nos paradeiros e nas restingas, por onde o Negrinho ia passando, a vela benta ia pingando cera no chão; e de cada pingo nascia uma nova luz, e já eram tantas que clareavam tudo. O gado ficou deitado, os touros não escarvaram a terra e as manadas xucras não dispararam... Quando os galos estavam cantando, como na

véspera, os cavalos relincharam todos juntos. O Negrinho montou no baio e tocou por diante a tropilha, até a coxilha que o seu senhor lhe marcara.

E assim o Negrinho achou o pastoreio. E se riu...

Gemendo, gemendo, o Negrinho deitou-se encostado ao cupim e no mesmo instante apagaram-se as luzes todas; e sonhando com a Virgem, sua madrinha, o Negrinho dormiu. E não apareceram nem as corujas agoureiras nem os guaraxains ladrões; porém pior do que os bichos maus, ao clarear o dia veio o menino, filho do estancieiro e enxotou os cavalos, que se dispersaram, disparando campo fora, retouçando e desguaritando-se nas canhadas.

O tropel acordou o Negrinho e o menino maleva foi dizer ao seu pai que os cavalos não estavam lá...

E assim o Negrinho perdeu o pastoreio. E chorou...

\*\*\*

O estancieiro mandou outra vez amarrar o Negrinho pelos pulsos, a um palanque e dar-lhe, dar-lhe uma surra de relho... dar-lhe até ele não mais chorar nem bulir, com as carnes recortadas, o sangue vivo escorrendo do corpo... O Negrinho chamou pela Virgem sua madrinha e Senhora Nossa, deu um suspiro triste, que chorou no ar como uma música, e pareceu que morreu...

E como já era noite e para não gastar a enxada em fazer uma cova, o estancieiro mandou atirar o corpo do Negrinho na panela de um formigueiro, que era para as formigas devorarem-lhe a carne e o sangue e os ossos... E assanou bem as formigas, e quando elas, raivosas, cobriam todo o corpo do Negrinho e começaram a trincá-la é que então ele se foi embora, sem olhar para trás.

Nessa noite o estancieiro sonhou que ele era ele mesmo, mil vezes e que tinha mil filhos e mil negrinhos, mil cavalos baios e mil vezes mil onças de ouro... e que tudo isto cabia folgado dentro de um formigueiro pequeno...

Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas.

Passou a noite de Deus e veio a manhã e o sol encoberto. E três dias houve cerração forte, e três noites o estancieiro teve o mesmo sonho.

\*\*\*

A peonada bateu o campo, porém ninguém achou a tropilha e nem rastro.

Então o senhor foi ao formigueiro, para ver o que restava do corpo do escravo.

Qual não foi o seu grande espanto, quando chegado perto, viu na boca do formigueiro o Negrinho de pé, com a pele lisa, perfeita, sacudindo de si as formigas que o cobriam ainda!... O Negrinho, de pé, e ali ao lado, o cavalo baio e ali junto a tropilha dos trinta tordilhos... e fazendo-lhe frente, de guarda ao mesquinho, o estancieiro viu a madrinha dos que não a têm, viu a Virgem, Nossa Senhora, tão serena, pousada na terra, mas mostrando que estava no céu... Quando tal viu, o senhor caiu de joelhos diante do escravo.

E o Negrinho, sarado e risonho, pulando de em pêlo e sem rédeas; no baio, chupou o beijo e tocou a tropilha a galope.

E assim o Negrinho pela última vez achou o pastoreio. E não. chorou, e nem se riu.

\*\*\*

Correu no vizindário a nova do fadário e da triste morte do Negrinho, devorado na panela do formigueiro.

Porém logo, de perto e de longe, de todos os rumos do vento, começaram a vir notícias de um caso que parecia um milagre novo...

E era, que os posteiros e os andantes, os que dormiam sob as palhas dos ranchos e os que dormiam na cama das macegas, os chasques que cortavam por atalhos e os tropeiros que vinham pelas estradas, mascates e carreteiros, todos davam notícia — da mesma hora — de ter visto passar, como levada em pastoreio, uma tropilha de tordilhos, tocada por um Negrinho, gineteando de em pêlo, em um cavalo baio!...

Então, muitos acenderam velas e rezaram o Padre Nosso pela alma do judiado. Daí por diante, quando qualquer cristão perdia uma cousa, o que fosse, pela noite velha o Negrinho campeava e achava, mas só entregava a quem acendesse uma vela, cuja luz ele levava para pagar a do altar da sua madrinha, a Virgem, Nossa Senhora, que o remiu e salvou e deu-lhe uma tropilha, que ele conduz e pastoreia, sem ninguém ver.

\*\*\*

Todos os anos, durante três dias, o Negrinho, desaparece: está metido em algum formigueiro grande, fazendo visita às formigas, suas amigas; a sua tropilha esparrama-se, e um aqui, outro por. lá, os seus cavalos retouçam nas manadas das estâncias. Mas ao nascer do sol do terceiro dia, o baio

relincha. perto do seu ginete; o Negrinho monta-o e vai fazer a sua recolhida; é quando nas estâncias acontece a disparada das cavalhadas e a gente olha, olha, e não vê ninguém, nem na ponta, nem na culatra.

\*\*\*

Desde então e ainda hoje, conduzindo o seu pastoreio, o Negrinho, sarado e risonho, cruza os campos, corta os macegais, bandeia as restingas, desponta os banhados, vara os arroios, sobe as coxilhas e desce às canhadas.

O Negrinho anda sempre à procura dos objetos perdidos, pondo-os de jeito a serem achados pelos seus donos, quando estes acendem um coto de vela, cuja luz ele leva para o altar da Virgem Senhora Nossa, madrinha dos que não a têm.

Quem perder suas prendas no campo, guarde esperança: junto de algum moirão ou sob os ramos das árvores, acenda uma vela para o Negrinho do pastoreio e vá lhe dizendo —Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi... Foi por aí que eu perdi!...

Se ele não achar... ninguém mais.

Erva-Caúna

– Variedade de mate, de qualidade inferior, e amargo.

Cacimbas

– nascente d'agua – olho d'agua.

Onças

– aqui, moeda da época.

Torena

– indivíduo forte valente, destemido.

Coto

– pedaço; mesmo que toco.

Culatra

– Retaguarda de um rebanho.

Prendas

– Jóias. Algo que se preza.

Data : 01/01/2001

Título : Origem do Churrasco

Categoria: Artigos

Descrição: Lenda de como foi criado o churrasco gaúcho

## Origem do Churrasco

Conta a lenda que o homem só descobriu o fogo porque precisava achar uma forma de preparar um bom churrasco de picanha de dinossauro.

Brincadeiras à parte. Logo após a descoberta do fogo, o homem aprendeu a assar as carnes tornando-as dessa forma mais saborosas, macias e de digestão mais fácil.

A carne assada na brasa foi importante na formação do conceito de comunidade pois, sua divisão era feita em torno da fogueira, normalmente, lugar onde as pessoas se reuniam para comer, da mesma forma como se reúnem para tomar chimarrão.

Se perguntar a um brasileiro quem é o criador do churrasco, ele certamente responderá que é um gaúcho.

Assar carnes na brasa ou fogo tem sido um dos métodos mais utilizados pelo homem e as mais diversas culturas se utilizam deste método de cozimento. Portanto o churrasco é universal.

É claro que algumas culturas são mais criativas do que outras, bem como algumas regiões mais ricas em ingredientes. Isso sim faz a diferença e demonstra a criatividade de cada cultura. Seriam necessárias várias páginas de texto para falarmos tudo sobre churrasco e, mesmo assim, não sei se seria possível, pois cada um tem um ponto de vista e uma verdade sobre o tema.

No Rio Grande do Sul, o churrasco tradicional é feito em pedaços de carne muito grandes e em fogo de lenha no chão. Os espetos de madeira são cravados no chão, na diagonal e perto do fogo. Dali se tiram lascas das partes externas mais assadas, enquanto as mais internas ficam assando.

O fogo deve ser aceso bem antes do horário de servir as carnes, para se obter um braseiro parelho e forte, com mais brasas do que fogo. Enquanto o fogo é feito, pode-se preparar aperitivos para amigos e família. No sul, o churrasco se come recém saído da brasa, servido no espeto na forma de rodízio, ou na tábua do assador, aos nacos, com farinha ou molhos, bem ou mal passado, ou no ponto, conforme o gosto. Mas há quem preferira seu próprio prato, completando-o com saladas e polenta frita, mandioca, farinha de mandioca, por exemplo.

Data : 16/02/2009

Título : OS NOMES DO RIO GRANDE

Categoria: Artigos

Descrição: Os nomes que o Rio Grande do Sul já teve.

## OS NOMES DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

1534 – São Pedro. Em Homenagem a Pero Lopes de Souza, que teria navegado pela Lagoa dos Patos.

1550 – Rio Grande. Conforme mapa de Pierre Desvaliers.

1562 – Capitania d’El Rei Nosso Senhor. Mapa de capitánias.

1637 – Porto de São Pedro. Mapa dos Jesuítas.

1698 – Província do Rei. Mapa do Frei José de Santa Tereza.

1721 – Rio Grande de São Pedro. Presente em documentos a partir de 1721.

1737 - Continente do Rio Grande. Denominação posterior a fundação do presidio de Rio Grande.

1751 – Continente de Viamão. Segundo mapa.

1760 – Governo do Rio Grande. Quando houve a elevação para a categoria de governo.

1769 – Continente do Rio Grande de São Pedro. Conforme documentos oficiais da época.

1807 – Capitania de São Pedro. Quando da elevação à Capitania Geral.

1819 – Província do Rio Grande de São Pedro do Sul. Segundo a documentação oficial à época.

1824 – Província do Rio Grande do Sul. A partir da primeira Constituição do Império.

1836 – República Rio-Grandense. Proclamado pelos Farroupilhas.

1889 – Estado do Rio Grande do Sul. Com a proclamação da República.

Data : 28/08/2008

Título : Uma Incrível Cavalgada

Categoria: Artigos

Descrição: Relato de uma viagem

## UMA INCRÍVEL CAVALGADA

Quando completou 25 anos, na festa de seu aniversário, o argentino Alberto Baretta anunciou seu propósito de realizar uma façanha ao qual seus amigos não lhe deram crédito, mas que se acabou se concretizando.

E seu propósito (ou seria loucura) era, ir a cavalo de Buenos Aires até Madri.

Nascido no coração da Pampa Argentina, em Trenque Laugen, partiu para a cidade grande com seu poncho, seu mate e os versos de Martin Fierro nos lábios. Tratava-se de uma homem da campanha, a terra onde a precocidade impede a lembrança de quando um gaúcho monta seu filho pela primeira vez num cavalo ou quando coloca em suas mãos pela primeira vez uma guitarra.

Payador e bom ginete, cantador de festas campeiras, trabalhador em quantos ofícios, Alberto Baretta foi para a cidade de Buenos Aires aos 17 anos, em busca de melhores condições de vida. Se não obteve o poder, conquistou a simpatia de uma boa parte de seus conterrâneos e foi muito popular na primeira estação de televisão argentina onde teve grande êxito como apresentador.

Se preparou por 15 anos numa ampla faixa de conhecimento. Estudou geografia, história, costumes, indianismo, sociologia, controle mental e sobretudo relações públicas, valorizando muito esta, pois sabia que a marcha deveria ser uma dupla conquista, com o cavalo ganhar distância e com seu trato e relações conquistar as pessoas.

Adquiriu dois cavalos crioulos do criador Humberto Guelvenzur e os batizou de ``Charrua``, em homenagem ao Uruguai, primeiro país a percorrer depois que saiu de sua

pátria, e o outro de ``Queguay``, que em guarani designa o local onde do rio onde baixa a cerração, para assim distinguir o Paraguai, país tão impregnado do homem da terra.

Partiu de Buenos Aires em 24 de Outubro de 1971, percorreu todo o continente sul americano num cavalgar incansável, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru, Equador e Colômbia, percorrendo os elevados caminhos da Cordilheira dos Andes, passando pelo Passo do Condor, margens do Titicaca, a majestade do Chimborazo e as velhas trilhas incas, o velho Quito fascinante, e o vale del Cauca até alcançar a encosta colombiana. Em Cartagena embarcou até a ilha de San André de onde seguiu até o Panamá.

Após vencer meio continente, de novo a cavalo recomeçou a marcha pelos países da América Central, passando pela Costa Rica, depois México que atravessou de sul ao norte sempre prestigiado pelos Charros de Monterrey, associação mexicana de hipismo. Aí por motivo de doença o cavalo Charrua foi recolhido e não pode continuar.

Foi recebido nos Estados Unidos pelo presidente Ford, sendo considerado `Xerife Honorário`

Chegou até o norte dos Estados Unidos. Embarcou em Nova Iorque para Cadiz. Recomeçou aí sua marcha triunfal da última etapa de 600 km. Continuou sua marcha hípica, passando por Sevilha, Córdoba e Ecija até a cidade madrilenha de Puerta del Sol, tendo aí chegado em 24 de fevereiro de 1977. Foi recepcionado na Plaza Mayor onde o esperavam o Alcaide, autoridades municipais e a população local que o ovacionou pelo seu feito.

Foram mais de vinte e dois mil quilômetros a cavalo de uma continuada odisséia que durou cinco anos e meio.

Dois mil dias e duas mil noites testemunharam sua marcha por campos e pântanos, desertos e cidades, serras e planícies.

Segundo alguns historiadores Tschiffely já havia feito este percurso e foi o que inspirou Alberto Baretta a refazê-lo.

Pesquisa : Hilton Luiz Araldi - Passo Fundo

Data : 15/09/2010

Título : União Gaúcha-Primeira Entidade Tradicionalista do RS

Categoria: Artigos

Descrição: Com 111 anos de fundação, a União Gaúcha João Simões Lopes Neto é a entidade tradicionalista mais antiga deste Rio Grande;

## UNIÃO GAÚCHA - PRIMEIRA ENTIDADE TRADICIONALISTA DO RS

Com 111 anos de fundação, a União Gaúcha João Simões Lopes Neto é a entidade tradicionalista mais antiga deste Rio Grande, e tem como objetivos: relembrar, honrar e conservar as tradições e o patrimônio moral, histórico e cultural Sul-rio-grandense, cultivando o espírito tradicional da honradez, da dignidade, da lealdade, do cavalheirismo, do patriotismo e da hospitalidade do Gaúcho, lembrando através dos seus costumes e usanças. Seu lema : "Espora e Mango".

Fundada em 10 de setembro de 1899 na cidade de Pelotas - RS. Teve como seu grande líder, o ilustre escritor Pelotense, João Simões Lopes Neto, autor de Contos Gauchosos, Lendas do Sul, Casos do Romualdo e outros.

Tudo começou com a fundação do Grêmio Gaúcho por João Cezimbra Jacques em 22 de maio de 1898, que iniciou a implantar no Estado o culto as tradições crioulas, inspirado na Sociedad La Criolla do Uruguai fundada em 24 de maio de 1894 (\*). Este sentimento e necessidade de preservar usos e costumes do gaúcho foi o que motivou 82 pelotenses a se reunirem em 10 de setembro de 1899 para a primeira reunião que daria nome a primeira entidade tradicionalista do RS. No dia 20 o mesmo grupo "amantes do culto às tradições" e que foram os sócios-fundadores, se reuniram novamente para aprovar os Estatutos e eleger a primeira diretoria, que foi empossada em primeiro de outubro do mesmo ano.

Em 1949, Barbosa Lessa e Paixão Cortes se reuniram em Pelotas com os ginasianos e tradicionalistas para reerguerem a União Gaúcha pois depois de muitos anos, em função da Segunda Guerra, o mesmo paralisou as suas atividades e ressurgiu em 18 de setembro de 1950, reafirmando os princípios de defesa da cultura gaúcha, honradez, lealdade, hospitalidade, liberdade, patriotismo, dignidade, cavalheirismo, desprendimento, cumprimento do dever, autenticidade e adotando o nome de União Gaúcha João Simões Lopes Neto em homenagem ao grande tradicionalista e alma inconteste da entidade e que

desde a sua fundação foi um dos membros mais atuantes. João Simões foi seu quarto presidente, empossado em 20 de setembro de 1905.

Em novembro de 2009, após muito esforço a sede foi reconstruída, mas lamentavelmente em 17 de junho de 2010, houve um incêndio nos fundos da dependência e o Jornal Popular noticiou: "Uma das grandes perdas registradas pelo patrão da União Gaúcha João Simões Lopes Neto são os livros que contam a história da entidade e fichas de sócios ilustres como Barbosa Lessa e Paixão Côrtes. Este material não existe mais. Troféus das invernadas, telefone, cortinas, uma gaita (acordeon), forro e painel do salão principal também foram destruídos pelo fogo.

A lei nº 12.673, de 19 de dezembro de 2006 declara integrante do Patrimônio Cultural do Estado a União Gaúcha João Simões Lopes Neto, oriunda do projeto de lei nº 437/2006 apresentado pelo Deputado Nelson Harter.

Nos mesmos princípios foram fundados em Bagé o Centro Gaúcho em 16 de setembro do mesmo ano (1899) e em Santa Maria o Grêmio Gaúcho em 12 de outubro de 1901.

(\*) Seu lema " En el fogón gaucho de la Criolla, caben todos los orientales y todos los que viniendo de estas tierras, se identifican espiritualmente con nosotros. La criolla aspira a cobijar bajo su bandera tradicionalista a todos los que tengan el verdadero concepto de Patria."